



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

AMANDA CASTELUCCI

**A RELAÇÃO ENTRE DESIGUALDADES SOCIAIS E
LINGUAGEM: COMO SE DÁ ESSA DISCUSSÃO NA
FONOAUDIOLOGIA?**

SÃO PAULO

2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE - FACHS
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

Amanda Castelucci

**A RELAÇÃO ENTRE DESIGUALDADES SOCIAIS E LINGUAGEM:
COMO SE DÁ ESSA DISCUSSÃO NA FONOAUDIOLOGIA?**

Trabalho de Conclusão de Curso em Fonoaudiologia apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de bacharel.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria Lucia Hage Masini

Docente da FACHS, curso de Fonoaudiologia, PUC-SP.

São Paulo

2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
BIBLIOTECA
REPOSITÓRIO DIGITAL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA

1 - Informações do Autor

Nome: Amanda Castelcci
RA: 00224644 CPF: 44345928826
E-mail: amanda_caste@hotmail.com

2 - Informações do Trabalho

Nome do Curso: Fonoaudiologia
Orientador: Dra. Maria Lucia Haqe Masini
Título: A relação entre as desigualdades sociais e linguagem: como se dá essa discussão na fonoaudiologia?
Nº de Páginas: 33 Data de Entrega ao Expediente da Faculdade/Curso: 22/11/2022

3 - Informações de Acesso ao Documento

Autorizo a divulgação do trabalho completo no Repositório Digital (preenchimento obrigatório):

Sim Não*

*Justificativa (motivos de não autorização):

OBS.: Quando o trabalho for elaborado por mais de um aluno, deve-se preencher o termo de autorização individualmente.

4 - Licença e Permissão de Uso

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, de acordo com a lei nº 9610/98, autorizo, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o trabalho em meio eletrônico, no formato PDF, conforme permissão assinalada acima, para fins de leitura, impressão e/ou download pela Internet, a título de divulgação científica gerada pela Universidade.

Declaro que o conteúdo deste trabalho é correspondente ao original entregue para a homologação.

_____/_____/_____
Local Data

Assinatura do Autor



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE - FACHS
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

Título: A RELAÇÃO ENTRE DESIGUALDADES SOCIAIS E LINGUAGEM:
COMO SE DÁ ESSA DISCUSSÃO NA FONOAUDIOLOGIA?

AMANDA CASTELUCCI

Apresentado em: 21/11/2022

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Maria Lucia Hage Masini
Orientadora

Dra. Ruth Ramalho Ruivo Palladino

Profa. Vera Regina Vitagliano Teixeira

À minha amiga Luiza (in memoriam)

que permanece presente e eterna em minha memória e coração

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente quero agradecer a Deus, que tem me dado forças para continuar a minha busca insaciável por conhecimento e tem me levado para lugares inimagináveis que sem fé eu não acreditaria jamais que conseguiria.

Agradeço a minha família que tem suportado os processos comigo, assim como tem sido uma rede de apoio essencial para as minhas realizações, que tem orado e me apoiado nos momentos mais sombrios, assim como tem vibrado e abraçado cada conquista no meu trajeto acadêmico. Um agradecimento especial para minha irmã que tem sido meu alicerce, uma conselheira sensata e tem me emprestado sua paciência e escuta para os males que me afligem.

Quero agradecer todo o corpo docente da minha Universidade que transformou positivamente cada partícula do meu corpo e alma durante esses quatro anos de graduação. Cada professor, cada matéria, cada estágio, cada supervisão, cada profissional que cruzou meu caminho agregou na minha construção como profissional, eu não tenho dúvidas que tive acesso ao melhor que cada um poderia me oferecer e sou muito grata a isso.

Um agradecimento especial para a minha orientadora Dra. Lucia Masini que me inspirou durante toda a minha graduação e me inspira a ser minha melhor versão. Como uma mãe, ela acolheu minhas dificuldades com muito carinho e empatia, me incentivou e viu potencial até quando era impossível enxergar em mim mesma. Agradeço pela paciência e por acreditar tanto em mim. Sigo com eterna admiração e gratidão para a minha nova etapa, levando-a como um exemplo de profissional o qual quero alcançar. Agradeço a Profa. Vera Regina que disponibilizou de tempo para realização da leitura, parecer e arguição desse trabalho. Agradeço também a Profa. Dra. Ruth Palladino por todo o conhecimento e auxílio na realização do mesmo.

Agradeço as minhas amigas de turma: com vocês as minhas angústias, medos e dificuldades foram superados, assim como em cada conquista vocês fizeram parte e estarão para sempre em minha memória. Um agradecimento especial para minha amiga de alma, Gabrielle; com você o fardo ficou mais leve, seu apoio e nosso trabalho em equipe foram arrasadores, vamos seguir juntas para todo o sempre. Assim como também agradeço aos amigos que trago de outros momentos vividos: a paciência e apoio de vocês fizeram toda a diferença durante o processo.

RESUMO:

O objetivo dessa pesquisa foi entender a influência das desigualdades sociais na linguagem, buscando compreender de que modo o preconceito linguístico está ou não presente e como afeta a clínica fonoaudiológica. O método escolhido foi a revisão bibliográfica integrativa que teve como pergunta principal: Nos achados científicos mais atuais, como se dá a discussão na fonoaudiologia entre as desigualdades sociais e a linguagem na terapia fonoaudiológica? O resultado final foi de 18 trabalhos, dentre eles: artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Os trabalhos selecionados trataram de medicalização precoce, demanda por fonoaudiólogos nos últimos anos e fracasso escolar. **Conclusão:** a clínica fonoaudiológica não reconhece as desigualdades sociais como fator variável para diagnósticos, assim como a sua formação de profissionais não abrange o tema. Ainda é possível concluir que a deficiência do trabalho interdisciplinar afeta diretamente no diagnóstico que delega a culpa de uma problemática coletiva a um único indivíduo.

Palavras-chave: desigualdades sociais; terapia fonoaudiológica; linguagem.

ABSTRACT:

The objective of this research was to understand the influence of social inequalities on language, seeking to understand how linguistic prejudice is present or not and how it affects the speech therapy clinic. The method chosen was an integrative literature review that had as its main question: In the most current scientific findings, how is the discussion in speech therapy between social inequalities and language in speech therapy? The final result was 18 papers, among them: articles, master's theses and doctoral dissertations. The selected papers dealt with early medicalization, demand for speech therapists in recent years and school failure. **Conclusion:** the phonoaudiological clinic does not recognize social inequalities as a variable factor for diagnoses, as well as its professional training does not cover the theme. It is still possible to conclude that the deficiency of interdisciplinary work directly affects the diagnosis that delegates the blame for a collective problem to a single individual.

Keywords: social inequalities; speech therapy; language.

SUMÁRIO:

Introdução.....	9
Objetivo.....	12
Revisão de Literatura.....	13
Método.....	16
Resultados.....	20
Discussão.....	27
Conclusão final.....	29
Referências Bibliográficas.....	31

INTRODUÇÃO:

Há muito se fala de preconceito linguístico e, diferentemente de outros preconceitos, ele vem sendo alimentado ao invés de combatido. O preconceito linguístico diariamente apresenta-se em meios de comunicação (desde telejornais que predominantemente utilizam da norma culta a programas humorísticos que ridicularizam sotaques regionais), livros didáticos (utilitário que agrega mais a um método tecnicista de ensino nas escolas do que ao desenvolvimento individual dos alunos por meio do conhecimento de mundo), em manuais de regras gramaticais de norma culta (anulam as heranças culturais em favor da ideologia de uma língua única) e mais atualmente através das redes sociais. Bagno (2002) alerta que existem mitos sobre o português brasileiro aos quais ainda estamos sujeitos, assentados na ideologia presente na cultura nacional que afasta uma reflexão mais profunda ligada ao real da sociedade brasileira. Um dos mitos referidos por Bagno é: “brasileiro não sabe o português”; o que permeia toda a nossa história e denuncia que a ideologia impregnada na nossa sociedade segue fazendo mínimas mutações. É possível evidenciar a permanência de tais ideais com dois fatos que demarcam historicamente momentos distintos, mas extremamente semelhantes.

Em janeiro de 1998, foi publicado na *Folha de São Paulo* um artigo escrito por Arnaldo Niskier (presidente da Academia Brasileira de Letras na época) que discorria sobre a falta de cuidado com que os veículos de comunicação atuavam no uso da forma culta da língua, apontando manchetes com o uso de expressões comuns aos brasileiros da época como indigência vocabular. Expôs também sua indignação com a integração de palavras estrangeiras no cotidiano brasileiro e concluiu com um apelo para a preservação do idioma de Machado de Assis. Em março de 2021, a jornalista Cecília Flesch realizou uma postagem em que zombava do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva por pronunciar a palavra advogado como “adevogado”. Mesmo em um intervalo de 23 anos, ambas as declarações salientam que, são perpetuadas posturas preconceituosas frente ao uso da língua, ainda que ela esteja em constante transformação, assim como seus usuários.

Para Volochinov (2006), a linguagem é uma prática social que tem na língua a sua realidade material e com isso, a língua é entendida como um processo de evolução constante constituído pela interação verbal realizada por meio da enunciação cujo produto é o enunciado. O enunciado, constituído por uma porção verbal e extraverbal está ligado diretamente às relações humanas e é um elo na cadeia de comunicação verbal. Somente é possível construir o sentido, a partir da análise de ambas as porções: enquanto a primeira (verbal) mantém seu

significado constante, a segunda (extraverbal) pode sofrer mudanças no significado do componente, sujeito ao contexto de produção (quem fez), de circulação (para quê fez) e de recepção (em qual ambiente fez). O enunciado também é o momento de uso real da linguagem; é quem incita resposta, dirige-se ao outro, antecipa respostas futuras e ele só ocorre se há interlocutores.

Rompendo com a ideia de pensar na linguagem de forma individual, Bakhtin dedicou seus estudos à natureza social, analisando-a em um contexto socio-histórico, no qual enfrenta a mutabilidade, uma vez que sofre com as condições do meio social (VOLOCHINOV, 2006). As palavras são sensíveis e estão no cotidiano, mergulhadas nas infinitas ideologias que constantemente estão em transformações estruturais diretamente ligadas ao social. Logo, a ideia de preservação de um português ligado a Machado de Assis e o apontamento em rede social da jornalista sobre a fala do ex-presidente sem uma explicação ou proposição apresentam-se como ultrapassadas, por não compor as necessidades da atual sociedade que é usuária ativa da língua.

Volochinov (2006) afirma que a única forma de expressão verbal é o diálogo inconcluso e, fundamentalmente, viver é participar do diálogo em que se interroga, responde, concorda e escuta. Ou seja, o diálogo se orienta ao exterior; ao outro. Ele também afirma que se o discurso for retirado de sua orientação exterior, restará somente um cadáver que não apresentará sua posição social, ou seu destino. É no diálogo que se apresenta a diversidade social da língua. Pensando na circulação da linguagem em grupos sociais diversos, em momentos históricos e ideologias diferentes, Bakhtin (2006) nomeou o termo plurilinguismo social para o fenômeno que ocorre dentro da língua que consiste em gírias, jargões, maneirismos que afetam a ideia de língua única e por isso essa simultaneidade existencial causam conflitos recorrentes, como já exemplificados acima nos casos da jornalista e da publicação do jornal Folha de São Paulo.

Devido aos conflitos recorrentes, Bakhtin (2006) aponta que no interior do plurilinguismo social é possível identificar a operação de forças que se contrastam, sendo elas as forças centrípetas (encarregada pela centralização da língua única; permanência na ideologia de uma língua conectada com a norma culta e suas regras gramaticais) e forças centrífugas (encarregada de descentralizar e prezar pela diversidade). No decurso sócio-histórico há uma supervalorização da força centrípeta em detrimento da centrífuga, mas uma pequena diferença foi visualizada ao surgir discussões cada vez mais recorrentes sobre o que é aceitável ou não

principalmente na língua falada e o que ainda é cabível para a sociedade atual proveniente da norma culta. Um exemplo sobre essa movimentação foi a reação que ocorreu na internet no caso da jornalista acima citada. Alguns internautas que responderam à postagem apontavam para o preconceito linguístico cometido pela jornalista e como era problemática essa postura assumida por ela, pois esse policiamento excessivo na aplicação do uso da norma culta na fala é ultrapassado.

A busca pela norma culta foi a base da clínica fonoaudiológica. Na década de 30, as primeiras práticas desenvolvidas nas escolas para corrigir “defeitos de fala” e estrangeirismos estavam ligadas às forças centrípetas. A ideologia de língua única proposta na década de 60 devido ao Êxodo Rural (ocorrido entre 1960 e 1980) deixou rastros na fonoaudiologia ao trabalhar com a política de unificar o sotaque nas grandes cidades causando dano à diversidade linguística, que não obteve sucesso, mas fomentou o preconceito linguístico referido por Bagno (2002, p.40) que diz: “pessoas sem instrução falam tudo errado”. Tal mito perpetua, influencia a sociedade e até mesmo a terapia fonoaudiológica na atualidade, neutralizando a natureza dialógica e negligenciando que o paciente possui papel ativo na língua (Masini, 2004). Por se manter atual, o tema deve ser investigado e analisado. A relação entre linguagem, desigualdades sociais, preconceitos linguísticos e fonoaudiologia será tratada ao longo desse trabalho.

OBJETIVO:

Essa pesquisa tem como objetivo geral entender a influência das desigualdades sociais na linguagem, buscando compreender, como objetivo específico, de que modo o preconceito linguístico está ou não presente e como afeta a clínica fonoaudiológica.

REVISÃO DE LITERATURA:

Chacon (2020) ao discutir as teorias da linguagem aponta que a razão central da sua existência é a comunicação que na prática se caracteriza como diálogo que é orientado pela produção e atribuição de sentido. A busca pela interação verbal considera a presença de uma língua que por si só não é a fonte do sentido, mas um de seus precursores. A comunicação linguística se dá pela ação da linguagem orientada pelo sentido e com isso, todo ato comunicativo tem como guia essencial a produção e atribuição de sentidos. Apoiado na premissa da concepção da língua como interação verbal é possível uma análise dialógica do discurso.

Mikhail Bakhtin, filósofo russo do séc. XX desenvolveu o chamado dialogismo ou teoria dialógica da linguagem, em que defende sua construção como sendo social. Para ele, nem o subjetivismo idealista - concepção linguística que entende a língua como construtiva e permanente elaborada historicamente pelo psiquismo individual – tampouco o objetivismo abstrato- a língua é entendida como um sistema inflexível de normas e leis linguísticas próprias que estabelece elos entre signos linguísticos no sistema idealizado anteriormente, tomando a fala como nada mais que uma alteração das normas da língua- são suficientes para explicar a linguagem. Bakhtin considera a linguagem como um sistema de signos tanto social quanto histórico que permite dar sentido ao mundo e sua realidade aos falantes. Por estar intrínseca ao social, a compreensão do uso da língua leva como pano de fundo uma realidade específica inserida em uma estrutura social e econômica. A linguagem dialógica nada mais é do que uma produção de ordem social (BAKHTIN, 2006).

Na comunicação de forma imediata, o que importa para o interlocutor é o que leva a dar significado ao signo utilizado em dado contexto de uma situação concreta. Para Bakhtin o mais importante numa interação verbal é compreender a enunciação dentro do contexto proposto e não o reconhecimento do sinal estável. Os interlocutores estão mais interessados na variação e flexibilidade dos signos. Esta ideia é importante para o trabalho fonoaudiológico e retomaremos mais adiante.

No entanto, como desdobramento da importância do reconhecimento dos sinais estáveis da língua, Bagno (2002, p. 69) apresenta um mito arraigado na sociedade brasileira em que o uso e domínio da norma culta do português são um instrumento de ascensão social, ou seja, o uso de um sistema linguístico objetivo eleva a posição social do falante. Partindo de tal ideia, o ensino de norma culta deveria ser o suficiente para elevação social de grupos que vivem em

situação de desigualdades sociais. Isto foi o que se pensou e o que se produziu no ambiente escolar brasileiro, há muitos anos.

A valorização escolar como meio de ascensão social é uma ideia remanescente da década de 30, período em que a escola sofreu processos de ajustes devido à modernização. Tais reformas buscavam abranger a reformulação de novos modelos educacionais nos quais prevaleceram dois grupos distintos com interesses no modelo público e privado (ANDREOTTI, 2010). Foi nesse período que o poder federativo assume a tarefa integral de organizar as escolas com o propósito de ofertar o ensino para toda a população, mantendo também a iniciativa privada. Andreotti (2010) apresenta o jornal intitulado na época como “A Voz”, escrito por crianças de 11 a 16 anos que frequentavam a escola privada. Esse jornal abordava assuntos diversos como a história do país, personalidades políticas, relatos sobre a vida paulistana e organização social brasileira em que se manifestava a ambição de ascensão das camadas médias. O movimento de produção do jornal com a expansão de forças produtivas do país – e com a idealização da educação escolar como instrumento de ascensão social fez parte das tendências da época que visavam à resolução de problemas sociais por meio da inserção na educação promovendo o progresso do país.

Em contra partida, Andreotti (2010) também expõe a posição que a criança pobre ocupava na década de 30, século XX, sendo o trabalho infantil descrito, no jornal, como elemento precioso na coletividade. Termina afirmando que a criança que não cumprir os deveres para com a escola não obterá sucesso nas obrigações para com a família e para com a pátria. Isto é, a escola passa a ser um formador fundamental da vida social dividindo as crianças entre o grupo do progresso- futuro do país e o grupo que trabalha do seu esforço manual, justificando a pobreza e a permanência da desigualdade social.

A idealização da educação como meio de mobilidade social ainda permeia o século XXI, mas com a transferência da educação primária para o ensino superior. A mobilidade social é esperada quando se alcança o ensino superior o qual ofertará melhorias no aspecto profissional, econômico e social. Carvalhaes e Ribeiro (2019) afirmam que o acesso universalizado ao ensino superior é fundamental para a diminuição das desvantagens dos grupos menos privilegiados da sociedade. As diferenças de acessos aos níveis educacionais são determinantes para quais posições de trabalho as pessoas terão como oportunidades. Portanto, as diferenças de acessos na educação podem ser determinantes na produção ou reprodução de desigualdades sociais.

Goffmann (2004) idealizou o termo estigma quando fala sobre as situações vivenciadas por um indivíduo que seja considerado impossibilitado de ter uma aceitação social plena devido a algum atributo que o afasta da normalidade social que fora previamente imposta. Ao falar da construção da identidade, ele esclarece que as normas não fornecem medidas que restaurem o dano, mas sim afeta o indivíduo que ao ser estigmatizado socialmente é submetido a um lugar de descrença e isolamento. O estigma então é um processo social que envolve o normal e o estigmatizado por meio de perspectivas formadas pelas interações sociais. Na interação de contato entre o normal e o desacreditado, ao surgir um sinal do estigma, o estigmatizado passa a ser desacreditado, levando ao pensamento limitador do indivíduo. O modo de operar de um estigma funciona na sociedade mais pobre do país, no qual as desigualdades sociais promovem o mesmo, através da língua com suas variações de sotaques, no acesso ao conhecimento de mundo e no poder econômico. As pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social estão sendo estigmatizadas em todos os gêneros de normas; na fala e no processo escolar não seria diferente.

Um dos maiores estigmas vigentes ainda hoje é provocado pelas variações linguísticas que frequentemente são tomadas como erros ou deficiências, já que estão presentes entre as populações suscetíveis às desigualdades sociais. A escola, desde o século XIX tem desempenhado o papel que agencia o ensino de uma norma culta unificada em que as variações linguísticas fazem parte do grupo estigmatizado, reforçando os preconceitos linguísticos perpetuados apresentados por Bagno (2002, p. 40). Dentre eles, há o mito que diz: “as pessoas sem instrução falam tudo errado”, ou seja, tal mito denuncia um estigma social no qual o poder econômico de um indivíduo influencia sua fala, que se carregada de variações, é taxada como incorreta e por certo será desvalorizada. Assim, é possível entender o porquê há muito tempo acredita-se na ascensão social por meio da norma culta, como apresentado por Andreotti (2010).

A problemática necessária a ser ressaltada é com relação às crianças que, ao entrarem na escola estigmatizadas por sua situação social, estão sendo assistidas de forma a serem potencializadas em ambiente escolar para aquisição da leitura e linguagem escrita. A Fonoaudiologia é legitimamente habilitada pela sociedade a trabalhar com os problemas de linguagem e tem atendido cada vez mais crianças com demandas escolares relacionadas à oralidade e a escrita, mas não tem observado a influência do contexto social frente às queixas que contemplam a entrada das crianças na clínica fonoaudiológica.

MÉTODOS:

Para o presente trabalho foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica integrativa. O método da pesquisa integrativa é uma abordagem mais ampla que permite a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais com a finalidade de uma compreensão completa do que será analisado (SOUZA, SILVA, CARVALHO, 2010), associando também a literatura e conceitos a dados e evidências. Assim, será possível apresentar múltiplas propostas relevantes para a fonoaudiologia. Pela natureza da pesquisa, é dispensada a certificação ética.

Na realização desse trabalho foram utilizados nas fontes de pesquisa os seguintes descritores: pobreza e fonoaudiologia, além de termos alternativos de outros descritores como: desigualdades sociais (alternativo ao descritor “Fatores socioeconômicos”) e linguagem (alternativo ao descritor “idioma”). É importante o uso dos termos alternativos para chegar a resultados que respondam à pergunta proposta a este trabalho. O uso de “terapia fonoaudiológica” na coleta de trabalhos foi essencial para entender a ligação que está sendo feita entre essas áreas nas pesquisas mais atuais. A escolha foi feita para especificar futuras buscas de outros pesquisadores das áreas da saúde, linguagem e fonoaudiologia. Foram selecionados predominantemente artigos publicados em português, tendo como base de dados virtuais e a busca de trabalhos da área abrangeu o período dos últimos cinco anos, produção do século XXI, no período entre janeiro de 2017 a julho de 2022.

A questão que orientou a realização dessa revisão foi: Nos achados científicos mais atuais, como se dá a discussão na fonoaudiologia da relação entre as desigualdades sociais e a linguagem na terapia fonoaudiológica? A análise foi feita por meio de leitura exploratória do material encontrado em uma abordagem qualitativa.

As bases de dados escolhidas para início das buscas foram: Google Acadêmico, Scielo Brasil, Periódicos CAPES e Biblioteca Regional de Saúde (BVS). Com a busca nessas bases de dados virtuais e esperou-se resultados em larga escala de material que pudesse responder à questão proposta. Com isso, foram realizadas buscas com o uso dos descritores (desigualdades sociais, fonoaudiologia e linguagem) e das palavras-chave (pobreza e terapia fonoaudiológica) em conjunto, com várias combinações entre elas. Os critérios de inclusão foram: trabalhos revisados por pares, em língua portuguesa e publicados no período de cinco anos (2017 a 2022), além de haver adequação ao tema proposto. O critério de exclusão foi a não adequação ao tema.

As combinações dos descritores e palavras-chave nos bancos de dados virtuais foram realizadas de forma padronizada em todas as tentativas, que foram: “desigualdades sociais and fonoaudiologia”, “desigualdades sociais and terapia fonoaudiológica”, “desigualdades sociais and linguagem”, “desigualdades sociais, pobreza and fonoaudiologia”, “desigualdades sociais, pobreza and terapia fonoaudiológica”, “desigualdades sociais, pobreza and linguagem” e “pobreza, linguagem and fonoaudiologia”.

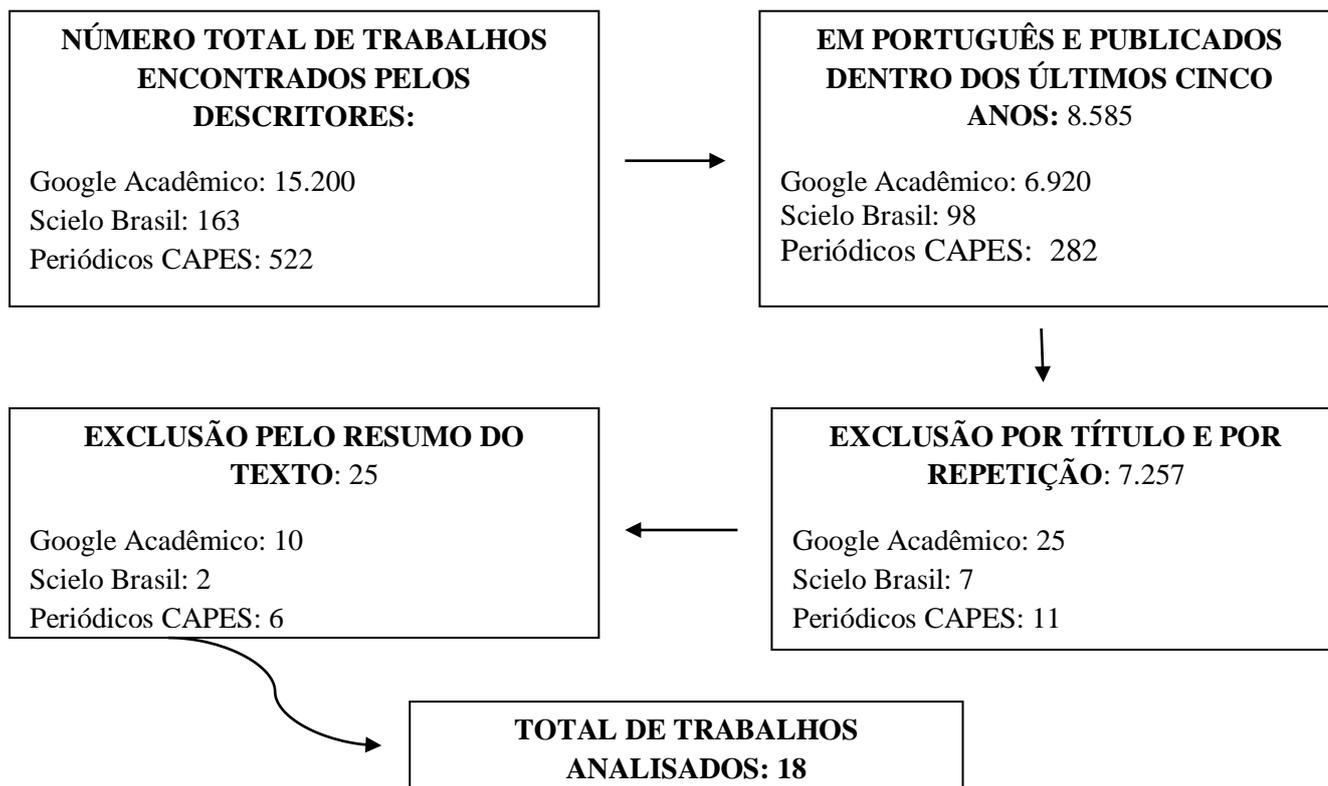
O número de trabalhos encontrados na base de dados do Google Acadêmico foi vasto, mas com os critérios de exclusão para a realização dessa revisão bibliográfica integrativa e com análise qualitativa do material fornecido foi possível entender que a plataforma nos apresenta diversos trabalhos que não se aplicam nos critérios de inclusão, assim como as apresentações duplicadas pelo uso das mesmas palavras-chave e/ou descritores dão volume ao resultado de busca.

Os resultados apresentados pela plataforma Scielo Brasil no uso dos descritores e palavras-chave propostas apontou para um número reduzido de resultados ou quase nulos.

A Biblioteca Regional de Saúde (BVS) não apresentou resultados relevantes de pesquisa no seu banco de dados com o uso dos termos da pesquisa: fonoaudiologia, pobreza, linguagem, desigualdades sociais e terapia fonoaudiológica. Com as combinações, os artigos tornaram-se repetitivos em todos os bancos de dados utilizados ou não apresentavam resultados nas buscas e por essa razão, não foi incluído nas bases de dados com resultados relevantes.

A plataforma Periódicos CAPES apontou resultados qualitativamente significativos nas pesquisas realizadas com os descritores em que os trabalhos sugeridos auxiliam nesta revisão bibliográfica.

Os estudos selecionados foram analisados buscando o fortalecimento da pesquisa na busca para a resposta da pergunta norteadora. Os artigos foram lidos na íntegra e passaram por nova seleção final. A análise da bibliografia levou ao total de 18 artigos selecionados, estando separados por bases de dados relevantes utilizadas como segue o fluxograma abaixo:



Entre os trabalhos escolhidos foram selecionados artigos revisado por pares, dissertações de mestrado e teses de doutorado que se apresentaram relevantes para a busca da resposta norteadora dessa revisão integrativa. Com essa análise, foram encontrados os seguintes trabalhos:

	Título	Tipo de Pesquisa	Autores	Base de Dados	Ano
1	A produção conjunta dos pactos de trabalho em educação: análise de uma experiência de formação e seus efeitos sobre a escolarização de estudantes em situação de alta vulnerabilidade	Artigo publicado em revista	ANGELUCCI, Carla B., WATANABE, Adriana, BRANDSTATTER, Renata M	CAPES	2018
2	Quando as dificuldades de leitura e escrita e o fracasso escolar se encontram	Trabalho de Conclusão de curso	QUEIROZ DA SILVA, Hanna M. F	Google Acadêmico	2017
3	Neurolinguística discursiva: contribuições para discutir a relação entre linguagem e pobreza	Artigo publicado em revista	DE OLIVEIRA, Elaine C., OLIVEIRA, Marcus V. B	CAPES	2018
4	A queixa escolar sob olhar do fonoaudiólogo	Dissertação de Mestrado	BOTELHO, Bárbara A	CAPES	2018
5	Concepções e Práticas na Fonoaudiologia Educacional: reflexões sobre a atuação do fonoaudiólogo na rede básica de ensino.	Dissertação de Mestrado	OLIVEIRA, Danielle P. C.	Google Acadêmico	2018

6	A caracterização da queixa escolar para a fonoaudiologia.	Trabalho de Conclusão de curso	FORTES, Ana Carolina A. D	Google Acadêmico	2019
7	Considerações sobre a prática do diagnóstico na fonoaudiologia educacional	Trabalho de Conclusão de curso	PEREIRA, Cáritas da H	Google Acadêmico	2018
8	A produção do conhecimento e a clínica fonoaudiológica voltadas à linguagem escrita a partir da abordagem sócio-histórica	Dissertação de Mestrado	VIEIRA, Sammia K	Google Acadêmico	2019
9	Medicalização na Educação e os sentidos do não aprender	Artigo publicado em revista	GIROTO, Claudia R. M.; BERBERIAN, Ana Paula; SANTANA, Ana Paula de O	CAPES	2020
10	Dificuldades de leitura, escrita e numeramento na educação superior: discussões acerca da reprodução das desigualdades sociais	Artigo publicado em revista	DONIDA, Lais; BLANCO, Soeli F. M. M.	Google Acadêmico	2021
11	Variações linguísticas e seus efeitos na saúde: reflexões para a clínica fonoaudiológica	Artigo publicado em revista	FALCÃO, Ana R. G; SOUZA, Luiz Augusto de P	Google Acadêmico	2021
12	“Sempre fui meio termo”: a clínica fonoaudiológica e a construção de narrativas no contexto da educação superior	Artigo publicado em revista	DONIDA, Lais O; BERGAMO, Alexandre; MAIA-VASCONCELOS, Sandra	Google Acadêmico	2020
13	Medicalização e a atuação fonoaudiológica frente à queixa escolar	Artigo publicado em revista	BOTELHO, Bárbara A. OLIVEIRA, Elaine C. de	Google Acadêmico	2020
14	Fonoaudiologia na atenção básica: análise da oferta e estimativa do déficit, 2005-2015	Artigo publicado em revista	VIEGAS, Larissa H. T., MEIRA, Tatiane C., SANTOS, Brenda S., FERRITE, Silvia.	Scielo	2017
15	Contribuições teóricas para a formação nos temas raça, gênero e saúde nos cursos de fonoaudiologia	Trabalho de Conclusão de curso	REIS, Livia M. da S	Google Acadêmico	2018
16	A discursivização do diagnóstico da dislexia: da teoria à prática	Dissertação de Mestrado	ELIASSEN, Elisabeth da S	CAPES	2018
17	A inclusão educacional e o diagnóstico de dislexia: o que enunciam estudantes, familiares, professores de língua portuguesa e gestores?	Tese de Doutorado	POTTMEIER, Sandra	CAPES	2021
18	Evolução da oferta de fonoaudiólogos no SUS e na atenção primária à saúde, no Brasil	Artigo publicado em revista	DE SOUZA, Maria de F. S., NASCIMENTO, Cynthia, M. B., RODRIGUES, Mirella.	Scielo	2017

RESULTADOS:

Os estudos selecionados direcionam para algumas questões importantes de discussão que, em geral, apontam para um aumento na demanda por fonoaudiólogos em todo o país, denunciando também a baixa oferta em regiões com desenvolvimento socioeconômico mais precário. Em outra esfera, os trabalhos explanam a temática sociocultural que envolve o ensino escolar de crianças com diagnósticos (principalmente de dislexia) e em como o ensino superior na área da saúde não está considerando os fatores socioculturais no currículo de seus cursos. E por fim, há a esfera que discute a medicalização em fase escolar na qual o diagnóstico contribui para a marginalização das crianças em situação de desigualdade social.

Inicialmente, um dos primeiros trabalhos presente nos resultados foi o de Oliveira (2018) que trata da Neurolinguística Discursiva, uma proposta de construção conjunta e de descobrimento mútuo que rege a clínica na investigação de como o sujeito se constitui e se reconstrói na linguagem, relacionando cérebro, mente e linguagem. A Neurolinguística Discursiva se compromete a não limitar ou delimitar os sujeitos e suas relações usando a pobreza como determinante, assim como a olhar o sujeito como múltiplo e que seu lugar, previamente definido por meio de protocolos de desempenho, são preconceituosos, estigmatizantes e excluem o sujeito de todo seu trajeto histórico. A pobreza recebe conotações ligadas aos bens socioeconômicos, sendo medida inicialmente até pelos indicadores de renda e emprego. É inegável que a pobreza tem causas sociais e econômicas como determinantes e que tem como princípio a organização excludente por meio das desigualdades, usando de características como raça, gênero, grupo étnico e perfil social. Os pobres são responsabilizados pela própria pobreza e sendo destituídos da compreensão social e histórica, acabam por acreditar na inabilidade para competir e com isso reproduzem preconceitos já vigentes. Do ponto de vista da língua, o pobre fala errado, não sabe argumentar e tem pouco a dizer e aqui pode-se considerar que a variedade linguística também é um determinante para que o mecanismo de organização excludente atue na preservação de uma hierarquia social. Acreditar em uma unidade linguística sem variabilidade é infundada e só corrobora com a injustiça social. A pobreza tem sido projetada como a causa de incapacidade, fracasso e até mesmo qualificada como doença e por isso, ao trabalhar com ela se faz necessário não objetificá-la, assim como trabalhar com a linguagem que ao ser descontextualizada objetiva o sujeito.

Outro estudo realizado em 2017, na Universidade Federal da Bahia, associa o fracasso escolar para além de questões organicistas e disfunções neurológicas, sinalizando outro olhar de cunho social, em que o fracasso escolar deve ser compreendido por novos determinantes de ordens socioeconômicas, culturais, políticas e pedagógicas. É importante na análise não somente o contexto social ser considerado de forma individual, mas também o contexto familiar, do sujeito e do terapeuta. O trabalho colocou em pauta também a importância de entender o tempo do sistema educacional submetido para aprendizagem é diferente do tempo do processo terapêutico e que eles podem estar acontecendo paralelamente, mas em momentos diferentes. Em suma, o trabalho contribui para a clínica fonoaudiológica em pensar no fracasso escolar de crianças em processo de aquisição da linguagem escrita e suas práticas à frente de variantes organicistas, agregando as variantes sociais.

O estudo promovido por Oliveira (2018) sobre as concepções e práticas na fonoaudiologia educacional e sua atuação na rede de ensino expõe o olhar organicista que orienta a fonoaudiologia educacional e como a clínica vem resumindo as dificuldades escolares a alterações de desenvolvimento da linguagem, excluindo as questões linguísticas que cercam a educação. Os fonoaudiólogos estão analisando as dificuldades escolares como distúrbios de linguagem sem realizar referências ao complexo sistema que envolve a aprendizagem a qual compreende o social, o institucional e o político. É importante o fonoaudiólogo assumir uma posição isenta de preconceitos e estigmas, pois a patologização e a medicalização têm reforçado e silenciado as desigualdades sociais. Há necessidade de um melhor preparo dos profissionais fonoaudiólogos durante sua graduação sobre o processo educacional.

O objetivo principal deste estudo foi analisar a compreensão e o desempenho dos fonoaudiólogos sobre queixa escolar, pois o assunto raramente é discutido dentro das escolas de Fonoaudiologia. As perguntas feitas aos entrevistados foram divididas em duas partes, sendo elas: como o fonoaudiólogo entende a queixa escolar, a origem da queixa e o perfil da criança e como os fonoaudiólogos tratam as queixas escolares.

A clínica fonoaudiológica ainda possui um olhar biologizante, o que leva muitos profissionais a direcionarem a queixa escolar como uma questão orgânica que apontam para uma patologia de linguagem associada ao processo educacional e são caracterizadas por dificuldades de aprendizagem. Conseqüentemente, um olhar medicalizante foi apresentado por alguns dos profissionais que participaram do estudo, visto que o sucesso no processo terapêutico também depende da atuação escolar do paciente. Outros profissionais demonstraram um olhar não

medicalizante na pesquisa ao solidificar a ideia de que o trabalho fonoaudiológico frente à queixa escolar envolve outros fatores além do paciente e escola, sendo eles: sociais, políticos, culturais e históricos. A clínica que acolhe o paciente, a escola e a família tende a ressignificar o processo educacional. O estudo contribuiu para o debate na clínica fonoaudiológica sobre seu olhar e suas práticas de atendimento à queixa escolar, considerando a realidade educacional do país e a medicalização da vida.

A pesquisa realizada por Fortes (2019) discute sobre as possíveis abordagens fonoaudiológicas frente à queixa escolar que pode atingir níveis diferentes em processos de medicalização, assim como a não-medicalizante. Em seu texto, entende-se que a queixa escolar surge na clínica fonoaudiológica após permear caminhos por outros profissionais, como: psicólogos e médicos e, por esse motivo, a queixa já vem acompanhada por um diagnóstico. Tal sequência desencadeia uma prática por parte dos profissionais fonoaudiólogos descontextualizada do social e dos fatores que rodeiam o aluno, o que direciona o profissional a trabalhar única e exclusivamente com a demanda que foi levada à clínica. A autora propõe que a queixa escolar deve ser tratada como um fenômeno social que se compõe durante todo o processo de escolarização e que por isso deve ser entendido em sua totalidade incluindo o sujeito, suas dificuldades, a escola e a sociedade em suas complexas relações.

Donida e Blanco (2021) propuseram pensar na literatura médica que aborda as dificuldades escolares como transtornos com diferentes nomes em que são descritos processos de diagnósticos e de intervenção das principais alterações linguísticas, sendo elas: discalculia, disgrafia e dislexia. Para um diagnóstico fechado é necessário pensar nos fatores que o possam influenciar, presentes principalmente no âmbito social, como: má alfabetização, problemas familiares, emocionais e de saúde e o tempo de trabalho terapêutico o qual já deve estar acontecendo há um tempo. Apesar de tal especificidade na literatura, na prática alguns diagnósticos têm sido banalizados e construídos por discursos dentro de instituições de ensino, desconsiderando fatores sociais. Por meio dessa prática ocorre um movimento de culpabilização individual que leva essas diferenças causadas por desigualdades sociais a desencadearem processos de diagnósticos acompanhados de medicalização.

A pesquisa desenvolvida por Eliassen (2018) teve por objetivo investigar como o diagnóstico de dislexia tem sido enunciado nos laudos em um momento em que a dislexia é defendida como um transtorno já localizado e observável por testes padronizados, enquanto outro grupo

aponta que a dislexia é uma construção social até mesmo como uma estratégia medicalizadora. A análise prática constituiu-se por 4 casos e seus respectivos documentos e discursos advindos de questionários com os médicos responsáveis pelos casos. Há mais de cem anos a dislexia tem sido formulada na relação cérebro e dificuldade de leitura e como essas suposições reverberam para avaliações e qualificações a um olhar mais organicista, desconsiderando o sujeito e seu contexto sociocultural. Justifica-se isso com a relação de importância que o médico recebe devido ao seu status diferenciado em relação a outros profissionais que participam na avaliação da dislexia, mesmo sendo um profissional que não compreende sobre o processo do aprender em sua totalidade. O diagnóstico de dislexia deveria ser acompanhado por mais de um profissional (médico, psicólogo, professor e fonoaudiólogo), mas não é o cenário atual em que o médico trabalha isoladamente, ganhando mais espaço e liberdade para diagnósticos.

Pottmeier (2021) buscou entender o processo de inclusão escolar de crianças com diagnóstico de Dislexia em diferentes grupos que implicam no cotidiano desses escolares, sendo eles: os gestores, os professores (especificamente de língua portuguesa), as famílias e os próprios alunos. A busca deu-se por meio de entrevista com integrantes desses grupos e os resultados apontaram que gestores e professores desconhecem ou conhecem vagamente as leis de inclusão do público com diagnóstico de dislexia, já que as formações não oferecem recursos para lidar com essa demanda. O estudo também apontou para o despreparo das escolas em receber crianças com demandas geradas por contextos sociais que necessitam de uma abordagem pedagógica que estende maiores possibilidades de aprendizagem intermediada pelo outro. O diagnóstico de dislexia tem causado uma restrição em que o aluno que o tem permanece em salas de reforço. Em suma, o estudo conclui que é importante uma abordagem que discuta o tema na formação de gestores e professores.

Pereira (2018) entrevistou cinco fonoaudiólogos que atuam diretamente na área educacional com a finalidade de entender a relação entre diagnóstico e os profissionais presentes em ambiente escolar. Foi possível compreender que o funcionamento desses profissionais está fortemente ligado à construção de diagnóstico voltado para a clínica preventista e medicalizante, enquanto o esperado seriam ações voltadas ao coletivo que promoveriam mudanças positivas no ambiente escolar. Os profissionais da fonoaudiologia, mesmo nas escolas, tendem a realizar triagens, diagnósticos clínicos e encaminhamentos sem ponderar sobre o diagnóstico situacional, o qual amplia a análise em um âmbito social, econômico e político com uma escuta mais atenta e aberta, promovendo uma atuação menos medicalizante.

Botelho e Oliveira (2020) realizaram entrevistas com seis fonoaudiólogos atuantes nas escolas, sejam públicas ou privadas e constataram que ainda há a reprodução do rastreamento da patologia por parte de alguns profissionais, excluindo inicialmente todo o contexto sócio-histórico que levou ao fracasso escolar. Elas reforçam em seu trabalho que a fonoaudiologia pautada em questões biomédicas tende a ser reprodutora de estigmas sociais no processo educacional e sobre o fracasso escolar em que se atribui diagnósticos baseados em casos biológicos, desconsiderando o sujeito. Atualmente há uma clínica que se movimenta para a atuação pensando nas mais diversas possibilidades discursivas da linguagem, numa concepção de sujeito, sua singularidade e sua trajetória histórica, mas ainda são escassas.

A pesquisa de Donida, Bergamo e Maia-Vasconcelos (2020) teve como objetivo argumentar a narrativa construída no Ensino Superior quanto na clínica fonoaudiológica acerca do amparo a universitários com dificuldades acadêmicas na leitura e escrita. Tal trabalho foi um estudo de caso em que o participante acreditava ter alguma patologia devida as suas dificuldades. A clínica fonoaudiológica deve assumir um papel de construção para o entendimento do fracasso e do sofrimento perante a instituição educacional. Com isso, a clínica deve investigar com cautela e entender os fatores que influenciam na adversidade que aflige o paciente. Foi sugerida uma abordagem com três interfaces que abrange uma avaliação das competências linguísticas, assim como as condicionantes sociais e a construção do sentido na narrativa produzida pelo paciente e para isso, os autores buscaram apoio na Linguística, na Fonoaudiologia e na Sociologia. Por fim, o estudo indica que as dificuldades do participante estão arraigadas no social, reforçando a importância do contexto social.

A pesquisa de visão sócio-histórica realizada por Vieira (2019) abordou jovens universitários que apresentavam dificuldades com a escrita em âmbito acadêmico. Foi constatada que a maioria dos participantes do estudo de caso conseguiu reformular seu posicionamento sobre as condições de leitura e escrita a partir da teoria metodológica prática assumida pela profissional/pesquisador, e assim avançar na compreensão dos diferentes aspectos que compõem a linguagem escrita. A partir de terapias e oficinas, os participantes do estudo passaram a enxergar a linguagem escrita como uma atividade dialógica, ampliando sua compreensão das diferentes formas de linguagem e se empoderando do papel de autor.

Na mesma pesquisa, Vieira (2019) estudou as condições de leitura e escrita dos universitários em um estudo de caso em que foi possível visualizar a mudança de posição do sujeito frente à leitura e a escrita. A autora salienta que tal movimento foi possível pela clínica

fonoaudiológica atuar em uma abordagem na qual ocorriam práticas discursivas pautadas na perspectiva sócio-histórica repleta de significados sobre o uso da escrita.

Na pesquisa de Falcão e Souza (2021) houve a participação de cinco pessoas que buscaram o atendimento fonoaudiológico por suas variações linguísticas que no âmbito social que os estigmatizavam como limitados, os colocavam em posições desprivilegiadas e até mesmo se questionaram se não sofriam de alguma patologia. Nenhum dos participantes apresentava patologias de linguagem relacionada à queixa além do sofrimento pessoal. Tal pesquisa denuncia que as variações linguísticas podem ser determinantes que perpetuam a exclusão social, a discriminação e as desigualdades sociais.

Reis (2018) discute em seu trabalho a abordagem de temas como raça e gênero dentro das universidades em cursos da área da saúde, nos quais tais temas não recebem o devido reconhecimento, incluindo o curso de Fonoaudiologia. Além disso, o trabalho aponta dados dos ingressantes em cursos superiores, desde o surgimento de políticas afirmativas na última década que expõem a disparidade existente entre raça e gênero nas universidades. Esses indicadores demonstram e reafirmam as desigualdades sociais presentes no Brasil e que atuam de maneira sistemática dentro dos cursos de ensino superior. É necessária uma revolução nas formações acadêmicas na área da saúde com reformulação dos currículos acadêmicos para que esse conhecimento se articule com a demanda populacional visto que a saúde tem um papel transformador na sociedade.

De Sousa et al. (2017) expôs a oferta de fonoaudiólogos na atenção básica do Sistema Único de Saúde entre 2008 e 2013 em que avaliou a oferta de fonoaudiólogo no SUS, na atenção primária à saúde assim como sua proporção e a evolução relativa de fonoaudiólogos na mesma. O estudo relatou que houve um aumento na oferta de fonoaudiólogos em todo o território nacional durante esse período, mas foi evidenciado desigualdades nessa ampliação entre as unidades do território nacional. A pesquisa atribui o aumento de oferta ao reconhecimento e visibilidade que a profissão vem recebendo ao ser inserido em diversas políticas públicas durante esse período como, por exemplo: a implantação do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Considerando a ideia ampliada em saúde, o fonoaudiólogo é essencial para o desenvolvimento da comunicação humana para o indivíduo e por essa razão a sua atuação se faz necessária nas equipes multiprofissionais na Atenção Básica.

Viegas et al. (2018) analisou a oferta de fonoaudiólogos no Sistema Único de Saúde entre os anos de 2005 a 2015 e constatou que a oferta dobrou em número na rede de Atenção Básica no Brasil, além de denunciar que a oferta do profissional é desigual no território nacional sendo que a maior é na região Sudeste e a menor na região Norte. Atribui-se o aumento da demanda na Atenção Básica devido à integração desse profissional no Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF), mesmo não sendo obrigatório. Outro ponto importante para a discrepância na oferta de fonoaudiólogos nos territórios regionais são suas condições de vida e saúde em que pode ser explicada pelo desenvolvimento socioeconômico ocasionado pela má distribuição de recursos financeiros distribuídos por todo o país. É notável que o fonoaudiólogo esteja consolidando sua presença na Atenção Básica, mas sua oferta é insuficiente no território nacional identificando que mais da metade da população não possui acesso aos serviços prestados por ele.

O artigo “Medicalização na Educação e os sentidos do não aprender”(GIROTO. 2020) realiza uma coletânea de outros artigos que contemplam o tema pensando no enfrentamento da medicalização e patologização nos processos educacionais em que novas abordagens teóricas e práticas podem contribuir para a promoção de uma educação menos medicalizante. É afirmado que as dificuldades educacionais refletem uma problemática social e que as práticas na educação tendem a naturalizar a aquisição do conhecimento, reproduzindo condutas excludentes com quem apresenta dificuldades.

No meio de todas as problemáticas apresentadas nos resultados, surgiu um programa chamado de Naapa (Núcleo de Apoio e Acompanhamento para a Aprendizagem) que é uma política pública municipal de ensino para o enfrentamento dos desafios do cotidiano escolar que foi criado em 2014 e conta com uma equipe multiprofissional nas diretorias regionais de educação do estado de São Paulo (ANGELUCCI, 2018). O presente trabalho teve como objetivo analisar o processo formativo das equipes do Naapa e as contribuições práticas no âmbito da Educação que promoveram discussões sobre: a gestão participativa do trabalho educacional e o apoio ao processo de escolarização de pessoas que vivem em vulnerabilidade social. Assim, o trabalho aponta a relação fundamental entre o sistema público de educação e suas percepções e conflitos com o contexto de desigualdade em que vive a maioria da população. Um sistema que exige a proposta de uma estratégia muito importante e corajosa com solidez teórica e prática, e está trabalhando na geração de ações comuns e ações livres de experimentos.

DISCUSSÃO:

Nos últimos anos, a queixa escolar tem alcançado o consultório médico com crescente frequência, assim como a alta demanda fonoaudiológica na Atenção Básica como a pesquisa de Viégas et al (2017) apontou. A demanda por médicos atribui-se à busca por diagnósticos de transtornos ligados a aprendizagem, já que a criança não vem apresentando o desempenho escolar esperado e com isso o sinal de uma possível patologia é acionado entre os profissionais em contato com o estudante. A pesquisa realizada por Eliassen (2018) mostra que o fracasso escolar está além das questões orgânicas e neurológicas do indivíduo, ela está ligada intimamente com as problemáticas de cunho social que compõem um sujeito, sendo elas: culturais, políticas e socioeconômicas.

Dentre essas problemáticas de cunho social temos a variedade linguística que também funciona como material de exclusão na reprodução das desigualdades sociais em que sotaques regionais e as variabilidades não são aceitos por uma sociedade que entende a língua como unidade única. Devido essa variabilidade, a população pobre é vista como incapaz por falar errado o que tem levado até olhares patologizantes das crianças que estão presas no ciclo que propaga as desigualdades sociais.

A desconsideração dos fatores sociais durante o período de diagnóstico de crianças frente à queixa escolar tem banalizado e reforçado discursos em instituições de ensino que sinalizam a culpabilização individual do fracasso institucional do indivíduo, levando a processos de medicalização e de diagnósticos que sinalizam ou até sentenciam o processo de aprendizagem com um desfecho limitador. A medicalização tem sido a resposta para problemas coletivos, desde o século 19, com respaldo da ciência positivista (MOYSÉS E COLLARES, 2017), desobrigando os governantes a acharem soluções para a problemática que parte de uma situação social e coletiva para o campo médico individual. Ao imputar um problema coletivo ao individual, há um reflexo na busca por profissionais qualificados para o atendimento especializado após um diagnóstico fechado unicamente por um médico.

Apesar da busca entre os profissionais da educação em ter um diagnóstico para a criança, os mesmos não estão capacitados com informações sobre leis de inclusão, assim como apresentam inaptidão nas abordagens pedagógicas que acolham crianças com demandas sociais (POTTEMEIER, 2021). Deve-se esse fato ao despreparo na formação acadêmica desses profissionais que não apresentam outras possibilidades de abordagens pedagógicas que possam ser intermediadas pelo outro. A formação acadêmica pedagógica não é a única que

vem se mostrando deficitária nas diferentes possibilidades para o trabalho com as dificuldades escolares. A formação fonoaudiológica tem corroborado com a ideia de ação preventista e medicalizante no rastreamento de patologias em triagens escolares, assim como os fonoaudiólogos atuantes em ambiente escolar desconsideram o diagnóstico situacional o qual amplia a análise em âmbito social, econômico e político com escuta mais ativa e menos medicalizante.

Bakhtin (2006) elucida que a linguagem é um lugar de conflitos em que a identidade é construída na relação com o outro dentro da diversidade cultural e de pensamento. Dessa forma, se realizarmos a separação isolada da forma linguística vazia de ideologias, só é possível encontrar sinais da linguagem. A separação da língua de um conteúdo ideológico a faz ser assimilada no seu sistema abstrato que a manterá idêntica, enquanto na estrutura concreta da enunciação ela ganhará um significado flexível e variável. A palavra é um signo produto de interação e é por meio dela que se representam diversas realidades. O funcionamento das abordagens pedagógicas ainda vigentes nas escolas opera com o sistema abstrato da língua, ou seja, a forma idêntica, enquanto isso as relações que beneficiam a construção da linguagem não são exploradas. Assim, a criança que não se adequa no sistema abstrato acaba em atendimento no campo médico para avaliação.

Goffman (2004) explica que as perspectivas estigmatizam os indivíduos por meio de situações sociais em diversos contatos visto que as normas estipuladas naquela situação não foram cumpridas. O mesmo ocorre com as crianças em ambiente escolar que não cumprem com o esperado e assim são estigmatizadas. O estigma coloca o indivíduo em oposição ao normal. Sendo assim, as pessoas em situação de desigualdades sociais sofrem com o estigma da limitação socioeconômica e sociocultural. Entendendo que a criança com dificuldade de aprendizagem e proveniente do meio social menos favorecido economicamente sofre a estigmatização por mais de uma vez em suas situações cotidianas, o que pode estar contribuindo para o cenário de fracasso escolar.

CONCLUSÃO:

A pergunta que regeu o presente trabalho foi: Nos achados científicos mais atuais, como se dá a discussão na fonoaudiologia da relação entre as desigualdades sociais e a linguagem na terapia fonoaudiológica? Toda a construção da pesquisa concedeu a possibilidade de responder a pergunta afirmando que a clínica fonoaudiológica não tem pensando sobre essas questões que envolvem o social durante os processos de diagnósticos de crianças em ambiente escolar.

Há fatores que podem estar levando a esse comportamento da clínica, tais como: a deficiência no trabalho interdisciplinar, o processo de diagnóstico- em que o sujeito só passa a ser avaliado por uma equipe multiprofissional após laudo médico com diagnóstico fechado, assim como a formação fonoaudiológica que, no geral, tem deixado de analisar, observar e questionar a clínica médica que tem sido precoce ao diagnosticar e medicalizar crianças. A falta de diálogo entre os profissionais das equipes interdisciplinares têm fomentado para tal desfecho, fazendo-se necessária uma mudança nesse comportamento para maior eficiência no manuseio dos casos.

Outro ponto importante ser ressaltado é a falta de manejo da clínica fonoaudiológica em pensar propostas para a negligência do olhar social nos métodos ensinados na universidade para profissionais em formação. Não há incentivo para o desenvolvimento de olhares mais críticos e sociais nos cursos de formação para fonoaudiólogos e isso é limitador para uma sociedade que apresenta fissuras no acolhimento das pessoas em situação de vulnerabilidade social. Dessa forma, é possível entender que a formação não está dando base para a importância ao social, ao sujeito e a sua linguagem, levando ao diagnóstico da clínica médica. Assim, se faz necessário que a formação profissional dos fonoaudiólogos inclua a questão social como uma variável na clínica fonoaudiológica.

É importante pontuar que a clínica fonoaudiológica pensa nas desigualdades sociais quando envolve o preconceito linguístico no contexto das variações linguísticas e atualmente não há tantos trabalhos que valorizem a neutralização de sotaques, mas é interessante ressaltar que da mesma forma que há marginalização de pessoas devido às variações linguísticas presentes na oralidade, o preconceito fica ainda mais hostil com relação à escrita.

Assim, enquanto o fonoaudiólogo se encontrar preocupado em rastrear distúrbios de linguagem em crianças com queixa escolar, sem olhar para o que rodeia (o social, o

institucional e o político), o compromisso fonoaudiológico com a língua e com a linguagem se baseará na patologização e medicalização de crianças, que tem servido para delegar a culpa de uma questão coletiva a um indivíduo, o mais frágil no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDREOTTI, Azilde L. **O projeto de ascensão social através da educação escolarizada na década de 1930**. Seleção de textos sobre a História da Educação no Brasil República, 2010. 87 p.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 18 ed. São Paulo. Edições Loyola, 2002. 186 p.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 201 p.

BOTELHO, Bárbara A. **A queixa escolar sob olhar do fonoaudiólogo**. 2018, 85 p. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal da Bahia, Salvador BA. 2018.

BOTELHO, Bárbara A. OLIVEIRA, Elaine C. de. **Medicalização e a atuação fonoaudiológica frente à queixa escolar**. 2020, 19 p. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 15, n. esp. 5, p. 3056-3073, dez. 2020. e-ISSN: 1982-5587 DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15iesp5.14574>.

CARVALHAES, Flávio, RIBEIRO, Carlos A. C. **Estratificação horizontal da educação superior no Brasil: desigualdades de classe, gênero e raça em um contexto de expansão educacional**. 2019, 39 p. Journal Article, doi: 10.11606/0103-2070.ts.2019.135035.

CARVALHAES, Flavio; RIBEIRO, Carlos A. C. **Estratificação horizontal da educação superior no Brasil: Desigualdades de classe, gênero e raça em um contexto de expansão educacional**. 2019. Tempo Social, v. 31, p. 195-233.

CHACON, Lourenço. **Subsídios lingüístico-discursivos para avaliação de linguagem**. Avaliação da fala e da linguagem: perspectivas interdisciplinares em Fonoaudiologia, 2020. p. 83-104.

DANTAS FORTES, Ana Carolina A. **A caracterização da queixa escolar para a fonoaudiologia**. 2019, 29 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

DE OLIVEIRA, Elaine C., OLIVEIRA, Marcus V. B. **Neurolingüística discursiva: contribuições para discutir a relação entre linguagem e pobreza**. 2018,11 p. Universidade Federal da Bahia, Salvador BA, 2018.< doi:10.20396/cel.v60n2.8649847>.

DE SOUZA, Maria de F. S., NASCIMENTO, Cynthia, M. B., SOUSA, Fabiana de O. S., DE LIMA, Maria L. L. T., SILVA, Vanessa de L., RODRIGUES, Mirella. **Evolução da oferta**

de fonoaudiólogos no SUS e na atenção primária à saúde, no Brasil. 2017, 8 p. Revista CEFAC, doi: 10.1590/1982-0216201719215816.

DONIDA, Lais O; BERGAMO, Alexandre; MAIA-VASCONCELOS, Sandra. **“Sempre fui meio termo”**: a clínica fonoaudiológica e a construção de narrativas no contexto da **educação superior**. 2020, 19 p. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 15, n. esp. 5, p. 3001-3019, dez. 2020. e-ISSN: 1982-5587 DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15iesp5.14571>.

DONIDA, Lais; BLANCO, Soeli F. M. M. **Dificuldades de leitura, escrita e numeramento na educação superior: discussões acerca da reprodução das desigualdades sociais.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 341-360, jan./mar. 2021. e-ISSN: 1982-5587 DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i1.13551>.

ELIASSEN, Elisabeth da S. **A discursivização do diagnóstico da dislexia: da teoria à prática.** 2018, 224 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

FALCÃO, Ana R. G; SOUZA, Luiz Augusto de P. **Variações linguísticas e seus efeitos na saúde: reflexões para a clínica fonoaudiológica.** 2021, 11p. Distúrbios da Comunicação 33.3 (2021): 526-536. <https://doi.org/10.23925/21762724.2021v33i3p526-536>.

GIACHETI, Célia Maria et al. **Avaliação da fala e da linguagem: perspectivas interdisciplinares em Fonoaudiologia.** Editora Oficina Universitária. Primeira edição, 2020. 423 p.

GIROTO, Claudia R. M.; BERBERIAN, Ana Paula; SANTANA, Ana Paula de O. **Medicalização na Educação e os sentidos do não aprender.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, vol. 15, núm. 5, Esp., 2020, pp. 2789-2802 Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Quarta Edição. Editora LTC, 2004. 160 p.

MASINI, M. L. H. **O diálogo e seus sentidos na clínica fonoaudiológica.** 2004. 302 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

MOYSÉS, Maria A. A; COLLARES, Cecília A. L. **Produção do fracasso escolar e medicalização da infância e da escola.** Psicanálise, educação especial e formação de professores: construções em rasuras, 2017. p 43-72.

NISKIER, A. **Na ponta da língua inculta e bela.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 jan. 1998. Opinião. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz150109.htm>. Acesso em: 15 abr. 2022.

OLIVEIRA, Danielle Pinheiro Carvalho. **Concepções e Práticas na Fonoaudiologia Educacional: reflexões sobre a atuação do fonoaudiólogo na rede básica de ensino.** 2018, 162 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

PEREIRA, Cárítas da H. **Considerações sobre a prática do diagnóstico na fonoaudiologia educacional.** 2018, 31 p. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

POTTMEIER, Sandra. **A inclusão educacional e o diagnóstico de dislexia: o que enunciam estudantes, familiares, professores de língua portuguesa e gestores?** 2021, 227 p. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2021.

QUEIROZ DA SILVA, Hanna M. F. **Quando as dificuldades de leitura e escrita e o fracasso escolar se encontram.** 2017. 59 p. Trabalho de Conclusão da Graduação em Fonoaudiologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador- Bahia, 2017

REIS, Livia M. da S. **Contribuições teóricas para a formação nos temas raça, gênero e saúde nos cursos de fonoaudiologia.** 2018, 25 p. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018.

SCHWARTZMAN, Simon. **Educação e pobreza no Brasil.** Educação e pobreza na América Latina. Cadernos Adenauer VII, n °2. Rio de Janeiro, 2006, 28 p.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein (São Paulo), v. 8, p. 102-106, 2010.

VASQUES, Carla K; MOSCHEN, Simone Z. **Psicanálise, educação especial e formação de professores: construções em rasuras.** UFRGS Editora. Primeira Edição, 2017. 168 p.

VIEGAS, Larissa H. T., MEIRA, Tatiane C., SANTOS, Brenda S., MISE, Yukari F., ARCE, Vladmir A. R., FERRITE, Silvia. **Fonoaudiologia na atenção básica: análise da oferta e estimativa do déficit, 2005-2015.** 2017, 10 p. Revista CEFAC. doi: 10.1590/1982-021620182031918. 2018.

VIEIRA, Sammia K. **A produção do conhecimento e a clínica fonoaudiológica voltadas à linguagem escrita a partir da abordagem sócio-histórica.** 2019, 96 p. Dissertação de mestrado. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2019.